

Maria Diva Landgraf

Por que escolheu a química?

Em primeiro lugar, eu sou filha de fazendeiro, a minha família mora na fazenda e eu sempre gostei da terra, trabalhar com a terra. Aí eu decidi fazer química porque no caso eu queria entender os processos do solo, as reações que ocorrem no solo.

Como foi a sua trajetória?

Em 1974 estava saindo a primeira turma de química da Federal. Eu tinha uma amiga, que estava se formando em química e que sempre me incentivou, me influenciou a estudar química. Então, meu início foi fazendo um curso de técnico em química, numa escola particular na época, e a partir daí eu terminei o curso de técnico e prestei um concurso para trabalhar como técnica em química na universidade. A partir daí eu fui gostando, fui conseguindo sempre um jeitinho de fazer as disciplinas dos cursos, de físico-química, os mais difíceis para mim na época. E fui cursando como aluna especial, sem compromisso, mas com muito empenho e dedicação. Quando eu terminei essas disciplinas, ingressei no mestrado. Comecei a fazer o mestrado, trabalhei com cromatografia, que é uma das áreas em que eu trabalho até hoje, e com ácidos húmicos, que é parte da matéria orgânica do solo, e com análise de água, particularmente, dos componentes contaminantes da água. Terminando o mestrado, eu conheci as minhocas e vi o quanto as minhocas são fundamentais no solo, compreendi que elas desempenham um papel muito interessante. E comecei a estudar o vermicomposto, que é o produto gerado por elas graças à decomposição da matéria orgânica. E aí fiz o meu doutorado nessa linha de pesquisa.

Qual sua contribuição para o IQSC ser o que é hoje?

A Universidade de São Paulo foi o meu chão para tudo. Se eu não tivesse um ambiente tão favorável para trabalhar como a universidade, eu não estaria formada hoje, dando essa contribuição de volta para sociedade. O segundo passo foi o grupo de pesquisa, vários em que eu trabalhei também na graduação, como técnica. Eu já trabalhei dez anos com um dos professores mais antigos. E nessa etapa da vida profissional, eu aprendi muito, eu aprendi a manusear todos os equipamentos, eu aprendi como é a convivência com os alunos, desde os mais novinhos, quando eles estavam entrando. Depois eu passei a conviver com os

pesquisadores, e tudo isso é uma contribuição muito grande na formação da gente e de qualquer pessoa, eu acho. E a universidade, a Professora Maria Olímpia, que é a minha chefe, foi a minha orientadora também no doutorado, ela também contribuiu bastante na minha formação. Cada degrau que eu fui alcançando sempre tinha alguém ajudando.

Qual a contribuição do IQSC na pessoa que você se tornou?

O IQSC foi fundamental, porque toda a base de minha formação foi dentro do IQSC. A USP nem se fala, porque todo o suporte tanto financeiro, como profissional vem da USP. Então, eu sou muito grata pelo meu salário, pela sobrevivência mesmo, porque é um ambiente de trabalho inquestionavelmente bom. É tudo muito bom. Eu não teria o que dizer nesses 40 anos em que eu trabalho na USP, foram tão pequenas as coisas negativas, que as positivas não me deixam lembrar delas.

Como você se imagina fora do IQSC?

Então, como eu disse, eu volto para a fazenda, já moro lá. E estou sempre aplicando os meus conhecimentos, sempre ajudando as pessoas, na minha área mesmo, com matéria orgânica, com descontaminação ambiental. Contribuir, sempre se pode estar contribuindo.

Entrevista concedida a Igor Augusto Vieira (Bolsista PUB/CCEEx), no dia 29 de março de 2021, às 10h.